

ADRIANO MÁRIO GUZZONI
MARCO ANTONIO DA ROCHA

**O MUNDO DO TRABALHO COMO REFERÊNCIA PARA
A FORMAÇÃO DE EDUCANDOS CRÍTICOS**

CURITIBA
2000

ADRIANO MÁRIO GUZZONI
MARCO ANTONIO DA ROCHA

**O MUNDO DO TRABALHO COMO REFERÊNCIA PARA
A FORMAÇÃO DE EDUCANDOS CRÍTICOS**

Monografia apresentada para obtenção
do título de Especialista no Curso de
Especialização para Educadores da
Criança e do Adolescente em Situação
de Risco ou em Programas Sócio
Preventivos, Setor de Educação,
Universidade Federal do Paraná

Orientador: Prof. Geraldo B. Horn

CURITIBA
2000

RESUMO

A pesquisa busca investigar o papel do mundo do trabalho na pedagogia de Makarenko, pretendendo demarcar como o autor estrutura sua proposta pedagógica à partir desta categoria. Constitui-se em pesquisa bibliográfica, empregada numa perspectiva dialética. Num primeiro momento apresenta uma síntese da trajetória de Makarenko como educador, abordando em seguida as concepções nucleares sobre as quais o autor edifica sua proposta pedagógica. Analisa como o autor concebe a categoria metodológica trabalho como fundante de sua concepção de educação, estabelecendo conexões entre o trabalho e o processo educativo levado a efeito por Makarenko, através da mediação das relações familiares, da oposição entre as dimensões positivas e negativas do próprio trabalho, da relação entre coletivo e individual e da autogestão. Conclui que o papel do mundo do trabalho define-se na proposta de Makarenko à partir da inserção de classe do autor, que o levou a vincular-se desde o início ao projeto proletário, entendendo a educação como subordinada aos interesses da comunidade socialista, a quem deveria servir. É assim que o trabalho como ferramenta pedagógica veio a constituir-se em pólo dinamizador de sua prática educativa. No entanto, para que o trabalho produtivo dos educandos não assumisse as mesmas características que possui na ordenação burguesa, o autor o utiliza em sua prática educativa valorizando-o em seu aspecto livre e criativo, ao lado de outras categorias metodológicas, como a coletividade, a disciplina, a autoridade e a autogestão. As idéias do autor são fundamentais para o desenvolvimento de propostas de trabalho educativo vinculadas aos interesses dos jovens oriundos das camadas populares, ainda que a conjuntura atual seja desfavorável ao desenvolvimento de experiências baseadas numa noção de trabalho produtivo, autonomia e independência dos educandos e prevalência da coletividade sobre o individual, face principalmente à crescente transferência da responsabilidade estatal pela oferta do atendimento à infância e à adolescência ao chamado “terceiro setor” e ao endeusamento do indivíduo em detrimento da coletividade, nesta sociedade do consumo.

SUMÁRIO

RESUMO	ii
INTRODUÇÃO	01
 CAPÍTULO I	
A TRAJETÓRIA DE MAKARENKO COMO EDUCADOR A SERVIÇO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA	06
 CAPITULO II	
CONCEPÇÕES NUCLEARES DE MAKARENKO	16
 CAPITULO III	
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE EDUCANDOS À PARTIR DO TRABALHO	21
 CONCLUSÃO	 31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

Nos últimos cinco anos vimos desenvolvendo um trabalho junto a adolescentes em situação de risco, numa Unidade de Abrigo mantida pela Prefeitura Municipal de Curitiba. A proposta pedagógica que vimos desde então construindo reclama inspiração em Makarenko, apesar de baseada em leituras esparsas e em estudos descontínuos que realizamos ao longo destes anos.

Com esta referência teórica, nossa prática pedagógica atribui uma importância central ao trabalho - enquanto elemento mediador da relação do educando com o mundo em que vive e formador de sua representação acerca do mesmo. Quer dizer, pelo trabalho ele não só aprende a relacionar-se e manter-se no mundo, mas, principalmente, a compreendê-lo, questioná-lo, por-se em dúvida quanto à inexorabilidade das relações sociais possíveis neste mundo. Nesse sentido, o educando trabalha para aprender - subvertendo a lógica das instituições do tipo Sesi/Senai/Senac - que pretendem “formar” o educando para o trabalho.

Para superar (na acepção dialética do termo) esta nossa apropriação incipiente daquele referencial, pretendemos neste trabalho investigar cientificamente o papel do mundo do trabalho na pedagogia de Makarenko, indo além da definição deste papel para demarcar como o autor estrutura sua proposta metodológica à partir desta categoria. Com isto, pretendemos também enriquecer nossa prática pedagógica, ao revisitar - agora lastreados num método científico - a obra que contém os seus pilares.

Exposto, ainda que sumariamente, o contexto de onde emergiu nossa temática, passaremos a uma - também breve - apresentação de Anton Semionovich Makarenko e de seu trabalho.

Pedagogo soviético nascido na Ucrânia, a 1º de março de 1888, Makarenko cresceu e estudou no ambiente revolucionário em que a Rússia esteve envolvida no início do século, aproveitando-se deste contexto para desenvolver um trabalho pedagógico que ele considerava como sua parcela de contribuição na batalha pelo advento do socialismo.

Inicialmente trabalhou em escolas tradicionais, como professor e diretor, mas foi à partir de suas experiências pedagógicas com jovens delinquentes (que representavam um grande problema para o governo revolucionário), que Makarenko despontou como um grande educador, cuja obra não encontrará paralelo no universo socialista.

Ao receber os grupos de jovens delinquentes, Makarenko “respeitava inicialmente a estrutura de poder ‘naturalmente’ instalada entre seus membros. Organizando o trabalho coletivo do grupo, entretanto, ele mostrava a seus membros que havia outra maneira de organizar a vida social além da mera predominância do mais forte, que ocorria quando o grupo era deixado a si próprio.” (ROSSI, 1982:119). Para ele, “não poderia haver educação senão na coletividade, através da vida e do trabalho coletivo, sendo o trabalho uma parte essencial da educação integral.” (ROSSI, 1982:121).

Para nortear a pesquisa que vimos delineando, propusemo-nos as seguintes questões norteadoras:

1. *De que maneira se define o papel do mundo do trabalho na proposta de Makarenko?*
2. *Como Makarenko estrutura sua proposta metodológica à partir da categoria “mundo do trabalho”?*

Acreditamos que uma pesquisa que tenha por objetivo responder à estas questões possa mostrar-se útil e justificar-se à medida que considerarmos a necessidade que temos do conhecimento a ser produzido, afim de podermos revisitar nossa prática pedagógica e superar possíveis lacunas gerada por uma apropriação insuficiente do referencial teórico que a inspira ou por uma interpretação errônea de seus postulados.

Por outro lado, deve ser lembrada também a importância que tem a temática numa conjuntura em que o valor pedagógico do trabalho vem sendo questionado por setores elitistas que entendem que os adolescentes em situação de risco sob tutela do Estado devem receber deste todos os recursos necessários para seu sustento, deixando de considerar que finda a tutela, o adolescente terá que encontrar meios de sobreviver neste mundo do trabalho (ou do desemprego) que ele simplesmente desconhece.

Além disso, sentimos necessidade de resgatar a atualidade de um autor com clara vinculação à utopia socialista, opção política que em momento algum compromete a coerência e a qualidade de sua proposta pedagógica. Reconhecemos que aqui agimos também movidos pela nossa inserção no campo político em que Makarenko lutava: a luta pela construção de uma sociedade mais livre, justa e solidária.

Por fim, mas não menos importante, coloca-se a necessidade de atendermos à exigência do Curso de Especialização, que coloca o trabalho monográfico como requisito para obtenção do título de especialista.

Conscientes das limitações impostas pela nossa inexperiência no trato com a pesquisa científica, pretendemos com o presente trabalho investigar, nas obras de Makarenko, o papel desempenhado pelo “mundo do trabalho” e sua operacionalização enquanto proposta metodológica.

Em segundo plano, esperamos que este trabalho nos possibilite identificar novas possibilidades de aplicação metodológica da categoria “mundo do trabalho”, a partir da concepção de Makarenko e atualizar conceitos do autor que vêm embasando nossas práticas profissionais enquanto educadores.

A metodologia que utilizamos foi aquela pertinente às pesquisas bibliográficas, empregada num viés metodológico dialético, considerando o objeto de estudo na perspectiva da historicidade e da totalidade.

Tendo em vista nossos objetivos e a partir da maneira como entendemos a sociedade onde se manifesta o fenômeno educativo é que concebemos o delineamento da pesquisa.

Assim, no primeiro capítulo procuramos apresentar a trajetória de Makarenko como educador que coloca-se, desde o início de seu percurso pedagógico, à serviço da classe operária e da revolução socialista. Buscamos resgatar, com suporte na bibliografia a que tivemos acesso, as experiências pedagógicas desenvolvidas por Makarenko – com seus avanços e problemas – bem como as obras teóricas que este nos legou.

No segundo capítulo buscamos resgatar e apresentar as concepções

nucleares de Makarenko, procurando retratar sua compreensão acerca da sociedade em que viveu, do papel da educação frente a necessidade de consolidar-se o novo modelo social advindo da revolução socialista (incluindo seus objetivos e princípios maiores) e ainda sua posição frente aquelas que seriam as categorias fundamentais em sua proposta pedagógica: o trabalho, a coletividade, a disciplina, a autoridade e a autogestão.

No terceiro e último capítulo, procuramos abordar como o autor concebe o trabalho como categoria metodológica fundante de sua concepção de educação, buscando estabelecer conexões entre o trabalho e o processo educativo através da mediação das relações familiares, da oposição entre as dimensões positivas e negativas do próprio trabalho, da relação entre coletivo e individual e da autogestão.

Finalizamos nossa pesquisa com a apresentação de nossas conclusões, onde esperamos – a partir da resposta às questões que nortearam o estudo – ter conseguido expor, da melhor maneira possível, o conhecimento obtido, tanto sobre o tema pesquisado, como no processo de construção deste trabalho de conclusão de curso.

Estaremos satisfeitos se nosso estudo puder contribuir – ainda que modestamente – para o aprimoramento de nossa prática pedagógica (hoje desenvolvida longe das unidades de abrigo municipais) e para a reflexão de todos os que lutam por uma educação de qualidade e por uma vida digna para a criança e o adolescente brasileiros, o que só será possível – acreditamos – no contexto da transformação estrutural da sociedade brasileira, que haverá de ser obra de todos nós.

CAPÍTULO I

A TRAJETÓRIA DE MAKARENKO COMO EDUCADOR A SERVIÇO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Anton Semionovich Makarenko nasceu em Bielopólie, Ucrânia, a 1º de março de 1888. Esta data de nascimento não é pacífica, havendo autores que a situam em 13 de março do mesmo ano, como Capriles (1989) e Rossi (1982). Filho de operários – seu pai era um pintor que trabalhava para a ferrovia, cresceu num ambiente proletário, em meio a um contexto social agitado pelo ativo movimento de trabalhadores que caracterizou as décadas pré-revolucionárias na Rússia.

Desde a juventude, incentivado pelos pais – que depositavam nele grandes esperanças de que este viesse a contribuir para a vitória do movimento dos trabalhadores – Makarenko identificou-se com o trabalho pedagógico, ao qual dedicaria sua vida.

No curso de pedagogia da Escola Pública de Krementchug, Makarenko estuda as obras de pedagogos russos como Uchínski, Priogóv, Belínski, Tchernichévski, Krupskaia, Lunathárski e Chátski. Forma-se em 1905 e começa a lecionar língua russa, desenho e desenho linear em Kraiukovo, uma pequena comunidade de operários ferroviários, onde Makarenko sentia-se à vontade, face à sua identificação com o proletariado.

Já neste seu primeiro trabalho como educador, Makarenko começa a ter claro a importância da definição política do pedagogo, entendendo a estreita vinculação entre prática pedagógica e prática política. “Diria, anos após, sobre esse período: ‘O ambiente na escola ferroviária onde eu ensinava era infinitamente mais puro do que em outros lugares. Uma sociedade de trabalhadores, uma verdadeira sociedade proletária, mantinha a escola verdadeiramente em suas mãos.’” (ROSSI, 1982, p. 118).

Como esta sua formação inicial como educador fosse bastante limitada – afinal o curso de Krementchug era ministrado em apenas 11 (onze) meses, Makarenko matricula-se, em 1914, no Instituto Pedagógico de Poltava, onde conclui, em 1917, sua formação como Pedagogo, habilitando-se ao magistério secundário e à direção de escolas. Tendo concluído o curso com a menção “Muito Bom”, teve inscrito no certificado que lhe foi entregue pelo Conselho Pedagógico do Instituto, a seguinte mensagem: “A. S. Makarenko é um estudante eminente pelas suas capacidades, conhecimentos, desenvolvimento e aplicação; manifestou interesse especial pela pedagogia e pelas humanidades sobre as quais lia muito e apresentava composições excelentes. Será um ótimo professor de todas as disciplinas e particularmente de história e de língua russa”. (MAKARENKO, 1986, p. 4).

No clima desafiante e estimulador do processo de transformação revolucionária da sociedade russa é que Makarenko vai desenvolver o trabalho educativo que o tornaria um marco no pensamento pedagógico.

Em agosto de 1919, Makarenko transfere-se para a cidade de Poltava, onde entendia que teria maior possibilidade de aplicar os conhecimentos já adquiridos. O

soviete local nomeia-o diretor do Departamento de Instrução Primária do Instituto de Educação de Poltava. Makarenko enfrenta, neste período, grande dificuldade para exercer o magistério: não existiam locais apropriados para receber as enormes quantidades de educandos, sendo que a própria escola dirigida por Makarenko funcionava à tarde, num prédio que era ocupado, no período da manhã, pelos funcionários do departamento econômico do Soviete.

Nos primeiros anos da jovem República Soviética, a questão das crianças abandonadas e da delinquência juvenil representou um sério problema, causado pela fome, pelas epidemias, pela ruína econômica, por sua vez causadas pelas conseqüências da 1ª Guerra Mundial (1914/1917) e da Guerra Civil (1918/1921). O problema chegou a tal ponto que Máximo Górkí escreve, em 1920, uma carta a Lênin, sugerindo que este estude a possibilidade de resolver o problema educacional dos pequenos delinqüentes. Da obra de Capriles transcrevemos um trecho desta carta:

Por outro lado, chamo a sua atenção para a necessidade de tomar medidas decisivas acerca da luta contra a delinquência infantil... Em Petrogrado contam-se mais de 6000 crianças criminosas, dos 9 aos 15 anos, todas elas reincidentes e, entre elas, um bom número de assassinos... Isolá-los não seria uma solução. Impõem-se outras medidas; proponho, portanto, criar uma liga para a luta contra a delinquência infantil, na qual incluirei as personalidades mais competentes em matéria da educação da infância deficiente e da luta contra a delinquência infantil. (CAPRILES, 1989, p. 79).

Atendendo à sugestão de Górkí, Lênin determina a criação, ainda em 1920, da Comissão para a Luta contra a Delinquência Infantil, sob a presidência de Górkí e com a ativa participação de Lunatchárski e da educadora Krúpskaia.

Ao contrário da forma como se tratava os educandos delinqüentes na Rússia pré-revolucionária (em estabelecimentos de tipo correcional administrados por

autoridade judicial), o governo socialista exigia que fosse feito “... um trabalho concreto de readaptação das crianças e dos jovens, mediante a educação, com a finalidade de fazer deles cidadãos perfeitamente integrados na produção social.” (CAPRILES, 1986, p. 79).

Em setembro de 1920 Makarenko é convidado a assumir a direção de uma primeira colônia experimental, pensada como uma escola de trabalho e educação social.

Com base nos trabalhos da Colônia Górkí, A. S. Makarenko estudou e analisou os princípios fundamentais da educação coletiva sobre os quais já tinham falado N. K. Krúpskaia, A. V. Lunatchárski, S. T. Chátski. A. S. Makarenko materializou-os praticamente num sistema único e revelou as leis do processo de formação da coletividade infantil, o papel que nele desempenha a atividade coletiva, a estrutura da coletividade infantil, as fases do seu desenvolvimento, o caráter da sua influência nos educandos e elaborou assim os métodos da educação coletiva na escola. (MAKARENKO, 1986, p. 5).

Enfrentando todo tipo de dificuldades materiais – começar pela própria viabilização das instalações precárias que lhes foram destinadas e que serão por ele e seus educandos transformadas – além da oposição de muitos burocratas do sistema educacional soviético (que viam em seus métodos inspiração burguesa) Makarenko, descobrindo e aplicando na prática os princípios supra citados obteve, em apenas dois anos, resultados tão ricos que superaram até mesmo suas próprias expectativas. “Nestes dois anos, ele não somente tinha conquistado a confiança dos recalcitrantes, como também tinha transformado uma velha fazenda, que recebera decrépita, numa empresa produtiva em termos culturais e econômicos, com hortas cultivadas, parques decorativos e uma granja para diversos tipos de animais.” (CAPRILES, 1989, p. 95).

Em 1925 a Colônia Górkí atingiu seu mais alto nível de realizações, tanto no campo pedagógico como econômico. Neste mesmo ano, na festa de comemoração dos cinco anos de existência da Colônia, Makarenko recebeu o título de “Herói Vermelho do Trabalho”, uma das mais altas condecorações concedidas pelo governo soviético. No ano seguinte Makarenko percebeu que o coletivo havia atingido uma etapa de estagnação, já que “o sucesso da Colônia Górkí passou a ser também seu maior inimigo, pois desde o momento em que as autoridades docentes observaram que a reeducação dos pequenos criminosos estava garantida nas mãos de Makarenko, decidiram enviar-lhe contingentes cada vez maiores de inadaptados sociais.” (CAPRILES, 1989, 109).

Acreditando que um coletivo operário deve estar sempre em movimento e sentindo que a estagnação afetava os nervos do coletivo de educandos e educadores, Makarenko escreve para o Comissariado do Povo para a Educação manifestando a importância de uma mudança de local, o que foi aceito prontamente. Foi oferecido a Makarenko uma colônia infantil localizada em Kuriáj, a seis quilômetros de Kharkov, e que era administrada pelo Comitê de Ajuda à Infância. O lugar era um antigo mosteiro, quase em ruínas, rodeado por um edifício de três andares e vários pavilhões de madeira, todos eles num estado de total abandono e desleixo. Na colônia viviam 400 rapazes criminosos e 40 educadores nas mais dramáticas condições de sobrevivência.

O assunto foi devidamente discutido nas Assembléias Gerais de educandos e educadores, fórum onde decidiu-se realizar “a tomada de Kuriáj”, a 09 de maio de 1926, quando Makarenko instalou-se na direção da Colônia. Nesta primeira etapa levou consigo quatro educadores e onze educandos da Colônia Górkí. “Em 15 de

Maio a Colônia Górkí deixou definitivamente Poltava e entrou em cheio em Kuriáj: eram 120 gorkianos coesos em torno de um ideal, organizados monoliticamente tanto pelo ensino makarenkiano como pela disciplina política do *Komsomol* ... isto causou um impacto imediato entre os internos de Kuriáj e, após os naturais conflitos gerados pelo choque da grande mudança, os gorkianos reestruturaram a vida dos kuriajianos.

À medida em que ia obtendo, na Colônia Górkí de Kuriáj o mesmo sucesso obtido anteriormente em Poltava, Makarenko – enfrentando sérias polêmicas com os burocratas do sistema de ensino soviético, que insistiam em verificar “denúncias” acerca de “castigos”, “irresponsabilidades pedagógicas”, “aventureirismo” e muitas outras oriundas de seu método de trabalho – foi sistematizando o conhecimento acumulado, “estabelecendo parâmetros analíticos entre os resultados obtidos na Colônia Górkí (acrescentados dos dados da experiência em Kuriáj) e as informações sobre a qualidade de ensino nas outras instituições oficiais de educação infantil.” (CAPRILES, 1986, 113).

Fundado nesta metodologia sistematizada, Makarenko elabora, em 1927, um projeto de unificação das 18 colônias de trabalho existentes na região de Kharkóv para funcionar como um complexo pedagógico único. O projeto foi aceito pelo Comissariado do Povo para a Instrução Pública da Ucrânia, que criou a Direção Geral das Colônias Infantis, para a qual nomearam diretora Galina Stakhievna Salkó, (que mais tarde se casaria com Makarenko). Esta, por sua vez indicou Makarenko para a direção pedagógica.

No entanto, em 1928, o acirramento dos conflitos entre Makarenko e os pedagogos nacionalistas russos (seus inimigos na burocracia de Estado), fez com

que este renunciasse ao cargo de Diretor Pedagógico das Colônias Infantis, para dedicar-se à continuidade de seu experimento pedagógico e à sistematização de sua metodologia, que eram as atividades que de fato lhe interessavam.

A Colônia Górkí em Kuriáj foi obtendo conquistas após conquistas:

Depois da banda de música, Makarenko obteve um projetor de filmes com o qual organizou um clube de cinema imediatamente anatematizado pelo pope, o padre ortodoxo da comunidade. O trabalho cultural era dinâmico e o ciclo primário da escola tinha a duração de seis anos. A biblioteca era um centro nevrálgico de conhecimentos e comunicação. A obra de Makarenko era plural, multifacetada, possuidora de qualidades únicas na história da pedagogia. Numa palavra: era revolucionária. (CAPRILES, 1986, p. 128).

Em 1928, Máximo Górkí, - uma espécie de ídolo para Makarenko, que dedicara-se durante anos ao estudo de sua densa obra literária e apresentava-o constantemente como exemplo de revolucionário para seus educandos - visita a colônia que levava seu nome. Makarenko diria alguns anos mais tarde: “aqueles dias passados com Górkí foram os mais felizes de minha vida” (COSTA, 1991, p. 80). A recíproca era verdadeira, já que Górkí também tinha uma grande admiração por Makarenko, tendo sido seu companheiro e interlocutor.

Após esta visita, Makarenko percebeu que havia ganho seu aliado mais importante, o que confirmou-se quando foi informado que ao chegar em Moscou Makarenko havia afirmado que “na colônia de reeducação que levava seu nome um ‘pedagogo de novo tipo’ havia descoberto ‘as leis da educação escolar soviética’ e que a verdadeira dimensão desta nova proposta educativa possuía um ‘significado universal’”. (CAPRILES, 1986, p. 135).

Durante os primeiros meses de 1928, após a visita de Górkí à colônia, Makarenko passa a dirigir simultaneamente a Colônia Górkí e uma outra comuna,

construída especialmente para o fim educacional pela Comissão para Melhoria das Condições de Vida das Crianças, criada pelo presidente do Tcheká (Comissariado Extraordinário para Assuntos de Segurança do Estado), o estadista soviético Félix Edmúndovitch Dzerjinski, responsável pelo combate à contra-revolução. Como homenagem póstuma a Dzerjinski, o Tcheká decidiu levantar um verdadeiro monumento pedagógico vivo em sua memória: a Comuna Dzerjinski, também dirigida por Makarenko.

Em 03 de setembro de 1928, Anton Semiónovitch Makarenko assumiu integralmente a direção da comuna de trabalho Félix Dzerjinski, dotada de uma escola primária com o ciclo de 10 graus. No início eram levadas para lá crianças abandonadas, mas, depois de ser oficialmente inaugurada, ela começou a albergar principalmente os filhos de famílias em crise. Para poder iniciar suas atividades em Dzerjinski, Makarenko selecionou 60 colonos gorkianos, com os quais criou as bases da nova organização educativa.

Na experiência da Comuna Dzerjinski, “Makarenko de um modo mais completo e numa base material e de ensino geral mais elevada repetiu o método de educação coletiva posto em prática na colônia Górkí.” (MAKARENKO, 1986, p. 6).

Adaptando as dependências da nova escola para que fossem também utilizadas como espaço produtivo (os arquitetos haviam-se esquecido deste importante “detalhe” – fundamental na pedagogia makarenkiana), Makarenko fez com que o trabalho produtivo desempenhasse

grande papel na educação dos jovens e foi a base da prosperidade material da comuna. O êxito comercial da oficina de transformação de madeira foi tão grande que em poucos meses consolidou seu prestígio entre as escolas de trabalho soviéticas. Em junho de 1930, a Comuna Dzerjinski deu um passo revolucionário na história da pedagogia mundial: foi a primeira escola pública em regime de autogestão econômica. (CAPRILES, 1986, p. 149).

Mais tarde, a partir de empréstimos oficiais concedidos à Comuna, foi montada uma fábrica mecanizada para a construção de furadeiras elétricas, que até então eram importadas dos Estados Unidos e da Inglaterra. No ano seguinte foi inaugurada a segunda fábrica da comuna, especializada em instrumentos elétricos. Ao fim deste mesmo ano (1932) e às vésperas de seu quinto aniversário, a Comuna apresentou o primeiro aparelho fotográfico montado na nova fábrica de máquinas fotográficas construída por seus educandos: “a famosa FED, batizada assim em homenagem a Félix Edmúndovitch Dzerjinski, a qual teve merecido reconhecimento internacional pela qualidade de sua fabricação. A FED era composta por mais de 300 peças, algumas com precisão de até 0,001 milímetro, o que lhe conferia um sistema ótico exato.” (CAPRILES, 1986, p. 150).

Em 1937, já com a saúde debilitada, Makarenko muda-se para Moscou com a família (sua esposa Galina e seu filho adotivo Liodka), onde passa a interessar-se especialmente pela escola do ensino geral, tentando fazer com que sua própria experiência passasse também a ser patrimônio dela. Visitava muitas escolas, ministrando palestras e participando de debates com professores. Mas sua atenção prioritária, em Moscou, volta-se para a atividade literária, na qual iniciou-se em 1932, quando publicou “A Marcha dos anos 30”, composto por uma série de reportagens sobre a vida da Comuna Dzerjinski. Este seu primeiro livro recebeu críticas elogiosas da parte de Górkí.

No entanto, a obra que o marcaria como grande escritor já vinha sendo sigilosamente trabalhada desde 1925, tendo sido publicada em 1934, sob o título “O Poema Pedagógico”, que rendeu-lhe a admissão, pelas mãos de Górkí, na União dos Escritores Soviéticos. Nesta obra Makarenko descreve detalhadamente suas

experiências em Poltava e Kuriáj, “que se transformou para ele próprio numa nova escola concreta, onde a prática diária, analisada a partir de suas concepções socialistas, lhe ensinaria mais que todas as teorias pedagógicas, ainda essencialmente burguesas, que lhe haviam sido apresentadas na Universidade. A partir deste texto, pode-se traçar um perfil intelectual e pedagógico de Makarenko.” (ROSSI, 1982, p. 119).

Em 1937, com a saúde cada vez mais debilitada e recebendo visitas de escritores, pedagogos e altas autoridades soviéticas, Makarenko publicou o primeiro tomo do *Livro dos Pais*, uma das suas obras mestras de conteúdo pedagógico, onde procura pesquisar as relações familiares e estudar seu comportamento. O livro deveria ter quatro tomos, mais não chegou a ser terminado.

Já em *Bandeira nas Torres*, publicado em 1939, “Makarenko conta a história da Comuna Dzerjinski, que era, na sua forma exterior, a continuação da Colônia Górkí... nesse livro Makarenko procurou representar um coletivo feliz numa sociedade feliz.” (CAPRILES, 1986, p. 174).

Neste mesmo ano (1939), Makarenko recebe uma das mais importantes condecorações do governo soviético: a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho, “pelos seus destacados êxitos e realizações em prol da literatura e da pedagogia soviéticas”. (CAPRILES, 1986, p. 174).

Entre as conferências e debates de que participava, ao par de uma intensa produção de artigos pedagógicos, publicitários, literários e críticos, Makarenko começa a sentir as conseqüências de problemas cardíacos, que o levam à morte em 1º de abril de 1939.

CAPÍTULO II

CONCEPÇÕES NUCLEARES DE MAKARENKO

Como já afirmamos, Makarenko forjou-se, enquanto educador, em meio à agitação partidária e às lutas operárias que caracterizaram as décadas pré-revolucionárias na Rússia e levaram aos acontecimentos de 1905 e à violenta repressão czarista. Apesar da selvageria de que se revestiu tal reação, esta não foi suficiente para refrear o processo de ascensão política do proletariado, que culminou com a magna Revolução de Outubro de 1917 (ROSSI, 1982, 117).

Face a este contexto, Makarenko assume desde logo seu compromisso com a classe trabalhadora revolucionária, que marcaria indelevelmente sua vida e seu trabalho como educador.

Segundo Costa, “Makarenko foi um combatente da chamada Terceira Frente da Revolução. Havia, então, a frente militar – porque na década de 20 o país estava invadido ainda pelos chamados exércitos brancos, que tentavam destruir a Revolução.... Havia a frente de produção; e havia também a terceira frente, que era a frente do livro e da educação” (Costa, 1991, p. 79).

Sobre a importância da revolução para a democratização da educação, Makarenko diria: “a revolução abriu, subitamente (para mim), um enorme campo de trabalho; comecei a ampliar minha proposta sobre uma educação nova partindo do

coletivo para poder formar uma personalidade humana livre, sem a escravidão econômica “ (CAPRILES, 1986, p. 76).

Identificado desde o princípio com a concepção socialista, Makarenko só podia conceber a educação como um ato eminentemente político. Para ele, educar era também, e essencialmente, politizar. Assim Makarenko resumiu sua concepção educacional: “Considero que a educação é a expressão do credo político que professa o pedagogo e que os seus conhecimentos não passam de meios auxiliares.” (MAKARENKO, 1986, p. 45).

Há que registrar-se que Makarenko, mesmo identificado com a ideologia socialista desde a deflagração do movimento revolucionário, só veio filiar-se ao Partido Comunista em seu último ano de vida (há apenas dois meses de sua morte), o que pode indicar que este procurou evitar que sua identificação com o partido no poder pudesse render-lhe qualquer facilidade da qual não fosse merecedor (e com as quais, de fato, nunca pôde contar).

Desta forma, para Makarenko, os objetivos da educação eram claros: “devemos formar um tal indivíduo de que a nossa sociedade precise... não devemos falar apenas sobre a formação profissional da nova geração, mas também sobre a educação e um novo tipo de comportamento, de caracteres e de traços da personalidade que são necessários, precisamente, no Estado Soviético. Os objetivos do trabalho educativo só podem ser deduzidos das exigências que a sociedade coloca.” (MAKARENKO, 1986, p. 44).

Ainda sobre os objetivos do trabalho educativo, “nas nossas tarefas não há nada eterno e absoluto. As exigências da sociedade são válidas apenas para uma época cuja duração é mais ou menos limitada. [...] a nossa educação deve ser

comunista e cada pessoa que eduquemos deve ser útil à causa da classe operária. (MAKARENKO, 1986, p. 45-46).

E mais: “Estou convencido de que o objetivo da nossa educação consiste não só em formar um indivíduo criador, um indivíduo capaz de participar com a maior eficiência na construção do Estado. Nós devemos formar uma pessoa que sem falta seja feliz”. (MAKARENKO, 1986, p. 47).

Na construção do processo educativo necessário ao alcance destes objetivos emanados “das nossas necessidades sociais, das aspirações do povo soviético, dos objetivos e tarefas colocados pela nossa revolução, dos objetivos e tarefas da nossa luta” (MAKARENKO, 1986, p. 54), Makarenko lançou mão de algumas categorias sem as quais seu esforço pedagógico não obteria resultados válidos. São elas:

a) A Coletividade

Para Makarenko, “o coletivo devia receber toda a prioridade sobre o individual. Para ele não poderia haver educação senão na coletividade, através da vida e do trabalho educativo” (ROSSI, 1982, 121). A este respeito, Costa ainda aduz: “Para Makarenko, o conflito entre o velho e o novo em educação não está no conflito liberdade e autoridade. Para ele este conflito reside, na verdade, no conflito individualismo e coletividade, daí sua ênfase no coletivo. O coletivo é sempre a categoria central da sua experiência e pensamento, o conceito da coletividade exigente.” (COSTA, 1991, 83).

Makarenko acreditava que a relação educativa é construída através do conjunto de influências construtivas que são exercidas sobre os educandos desde o amanhecer até o momento em que este vai deitar-se. Esta perspectiva nos leva a

entender que todos aqueles que relacionam-se com os educandos no cotidiano são educadores, já que podem exercer sobre ele influências positivas ou negativas. A unidade de trabalho para Makarenko era a coletividade: o conjunto de educandos, o conjunto dos educadores e um dirigente com autoridade.

Aos que reclamavam do espaço para o desenvolvimento da “subjetividade” no seio da coletividade (no sentido de que esta oprimiria o aflorar daquela), Makarenko respondia que “uma verdadeira coletividade não despersonaliza o ser humano, cria, antes, novas condições para o desenvolvimento da personalidade... [assim, para Makarenko] ... o coletivo não era o contrário do individual, mas a potencialização, o enriquecimento da individualidade.” (COSTA, 1991, 84).

b) A Disciplina

“Educar sem punição é me impossível”. Com esta frase, Makarenko resumia a importância que tinha a disciplina em sua concepção pedagógica. “Mas a sua era uma disciplina de base, nascida das discussões dos coletivos, na assembléia, ainda que cobradas com muito rigor.” (COSTA, 1991, 85).

“O jovem deve, a tempo, ser capaz de subordinar-se a um companheiro e de dar-lhe uma ordem”. A partir da leitura das obras de Makarenko que se transformaram em relato de suas experiências nas colônias de Poltava e Dzerjinski, vemos como é comum na obra makarenkiana a necessidade de que o jovem saiba dominar-se e influenciar seus companheiros.

c) A Autoridade

Makarenko neste ponto possuía uma enorme crença na organização e na autoridade. Para ele a autoridade deveria traduzir-se pela força e pelo engajamento político, ficando bastante claro o que deveria ser feito.

Nota-se que o caráter da autoridade em Makarenko não se resumia a simples arbítrio, mas a um incentivo para que os educandos assumissem uma atitude de responsabilidade e de organização.

Desta forma Makarenko dava início à construção de formas participativas de gestão, para posteriormente introduzir a participação do coletivo no processo de trabalho, que nada mais era que o fruto da organização do coletivo, que por sua vez era viabilizada não pelo autoritarismo, mas pelo uso correto da autoridade.

Pelo destaque que merece, a categoria central - o trabalho - bem como seu papel processo educativo, será abordada no próximo capítulo.

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE EDUCANDOS À PARTIR DO TRABALHO

Dos primeiros estudos realizados por Makarenko, vamos analisar o processo de formação de educandos à partir do trabalho, ou seja, considerando como se dá o processo do trabalho educativo.

Para Makarenko a importância das ações pedagógicas se estabelecem no campo da ação prática, onde era possível vislumbrar a dialética necessária a compreensão crítica da realidade e sua transformação revolucionária pela ação dos homens. Assim Makarenko foi um educador que sempre compreendeu o caráter político da educação. Um educador para quem educar era também politizar.

Das idéias iniciais sobre trabalho, este será analisado como elemento central do processo pedagógico, sendo o elemento indispensável no entendimento de Makarenko à toda tradição do regime socialista, dando base mais tarde à formação da chamada escola do trabalho.

Ao analisarmos a trajetória da formação de educandos à partir do trabalho, teremos que verificar quais elementos irão compor este processo.

Entre estes elementos destacamos: a) o trabalho e a família, b) o trabalho e o processo educativo, c) o trabalho enquanto atividade criadora em detrimento do trabalho enquanto esforço físico, d) o trabalho e a prevalência do coletivo sobre o

individual, e) o trabalho e a remuneração do educando e, por fim mas não menos importante, f) o trabalho e a auto gestão. Estes elementos, no entender de Makarenko formam uma base sólida para construção do processo educativo a partir do trabalho.

“Não se concebe uma educação correta que não seja uma educação para o trabalho.” (MAKARENKO, 1981, p. 57).

a) O trabalho e a família

Toda a metodologia construída por Makarenko em relação ao trabalho como processo de educação, parte do pressuposto que a “família” é quem traduz para o indivíduo as primeiras vivências no processo de formação para o trabalho. Desta forma o primeiro contato que a criança tem com o trabalho, estabelece-se inicialmente no âmbito familiar.

Makarenko aponta aqui a necessidade de que os pais lembrem-se que seus filhos são parte integrante de uma sociedade de trabalhadores e que seu futuro desempenho estará diretamente vinculado à sua capacitação e participação no trabalho social.

“ A capacidade para o trabalho não é inata, vai formando-se no curso da vida e em especial na juventude”. (MAKARENKO, 1981, p.57).

Ao afirmar que a capacidade para o trabalho não é inata e sim adquirida, Makarenko afirma que seu desenvolvimento é variável, sendo que a preparação para o trabalho é que determinará sua futura possibilidade de ocupação.

b) O trabalho e o processo educativo

Makarenko descreve em suas obras que educar uma criança é muito mais fácil que ter que reeducá-la mais tarde. Assim, é no seio da família, quando minimamente estruturada, que devem ser construídos os processos educativos elementares.

Para Makarenko o mais importante é saber que deve-se educar de tal forma que não seja necessário reformar mais tarde, ou seja tudo deverá acontecer da forma mais correta desde o início.

A educação exige uma atitude séria, simples e sincera, pois o processo educativo vai se formando pelo conjunto de influências construtivas que são exercidas sobre a criança do momento que esta se levanta até a hora em que vai dormir. Isto é educação.

c) O trabalho enquanto atividade criadora em detrimento do trabalho enquanto esforço físico

O trabalho aqui é visto por Makarenko como uma necessidade vital para o homem (MAKARENKO, 1981, p. 56). O homem vive o constante conflito entre libertar-se do trabalho opressivo e apoderar-se do produto da força criadora, tendo por finalidade principal dirimir desigualdades sociais relativas à distribuição da produção social.

Para Makarenko, no Estado Soviético o trabalho deveria ser uma atividade criadora no sentido de facilitar a construção da riqueza social e ampliar a cultura dos trabalhadores.

Esta forma de trabalho só é possível de realizar-se quando derivada de uma situação de prazer pelo trabalho. Aí então, passará a existir um ambiente favorável à

atividade criadora.

Segundo Makarenko, este processo vai levar o homem a entender a necessidade e a utilidade do trabalho e não apenas visualizá-lo sob a simples ótica do esforço.

“Um dos objetivos da educação é a formação do hábito do trabalho criador. “
(MAKARENKO, 1981, p. 58).

É importante ressaltar que a capacitação vai colaborar para o desenvolvimento de atividades de criação, porém não é apenas esta que concorre para isto. Deve-se analisar que é o conjunto de esforços, deste e de seus companheiros é que vai determinar o conjunto da formação moral.

Segundo Makarenko aquele que a cada momento esquiva-se do esforço limitando-se a ver o que os outros fazem e aproveitar de seus frutos, é considerado o ser mais imoral na sociedade soviética.

Assim considera que são os esforços do trabalho e sua interdependência constante no processo produtivo que dão origem às relações corretas. Isto significa dizer que de nada adianta cada um dedicar apenas sua energia à sociedade, mas também exigir do outro a sua participação. Desta forma, vê-se que para Makarenko é a participação no trabalho coletivo que permite a cada homem manter relações moralmente corretas com os seus semelhantes.

Falso então segundo Makarenko, é acreditar que a educação para o trabalho apenas desenvolve apenas a destreza manual ou a força.

O desenvolvimento físico produzido pelo esforço muscular é fator de grande importância e constitui-se em um elemento fundamental da cultura física, porém o que move a educação para o trabalho é o desenvolvimento psíquico e espiritual do

indivíduo.

É esse desenvolvimento que se busca por um trabalho harmônico, devendo constituir a qualidade que destingue o cidadão de uma sociedade sem classes, daquele membro de uma sociedade classista.

d) O trabalho e a prevalência do coletivo sobre o individual

Makarenko em sua essência sempre conjugou a idéia do trabalho e do coletivo. A educação é um processo que envolve não só o indivíduo, mas também o cidadão. Para Makarenko o coletivo deveria sempre receber toda prioridade sobre o individual.

“Os programas de educação de Makarenko, incluíam princípios democráticos, como as decisões coletivas em oposição ao governo individual, a autonomia dos departamentos em lugar da centralização estreita. A eleição do líder de cada departamento pela assembléia geral e não pela administração”. (ROSSI, 1982, p.121.)

Makarenko foi um dos primeiros educadores a introduzir a co-educação no ensino, contrariando as tendências pedagógicas de sua época, que sempre separavam os homens das mulheres.

CAPRILES, refere-se a esta questão nos seguintes termos:

A solução do problema seria complementemente impossível se procurássemos resolvê-lo silogisticamente: Para seres humanos diferentes, diferentes métodos. Mais ou menos deste modo pensavam os pedagogistas ao criarem instituições para rapazes difíceis, separados das instituições para rapazes normais. Sim e ainda continuam se equivocando quando educam separadamente os homens das mulheres. Se continuarmos a desenvolver esta lógica pela via da ramificação das particularidades pessoais (sexuais, geracionais, sociais ou morais), rapidamente chegaremos até a unidade individualista, que tão evidente se manifesta na ultra-pedagógica palavra criança. (CAPRILES,1986, p. 98).

Assim vemos que a organização do trabalho de Makarenko em muito avançou para dirimir diferenças em favor do coletivo.

A finalidade era propor um método que, sendo único e comum, permitisse ao mesmo tempo que cada personalidade independente desenvolvesse suas aptidões e habilidades, porém, conservando a individualidade para avançar sobre o caminho da vocação, sem perder de vista o conceito de coletivo.

Deste modo Makarenko ao tentar resolver este problema, ficou sem a possibilidade de se ocupar somente da criança isolada. Surge então a coletividade como objeto da educação, o trabalho de planejar a personalidade adquire novas condições para sua solução.

Para Costa, "... outra grande intuição de Makarenko foi a prefiguração da psicologia de grupos. Para ele a unidade básica do trabalho era o grupo e não cada menino individualmente. Ele reconhecia e valorizava a personalidade e a individualidade dos educandos, mas sabia que a unidade fundamental de trabalho era o grupo organizado por tarefas específicas dentro do coletivo". (COSTA,1981, p. 88).

Desta forma pode-se verificar que Makarenko, desde cedo, percebeu a importância dos grupos como unidade fundamental de trabalho na comunidade educativa. Não como negação, mas como fortalecimento e potencialização do indivíduo.

No coletivo aos poucos a lei do mais forte dava espaço para o entendimento e o trabalho em grupo.

e) O trabalho e a remuneração do educando

A remuneração pelo trabalho produtivo dos estudantes na escola, foi um dos pontos de maior discordância dos pedagogos modernos em relação às idéias de Makarenko.

Aqui tratou-se de estabelecer uma relação direta entre a remuneração do trabalho produtivo dos estudantes na escola e a ênfase na participação dos estudantes em diferentes atividades didáticas.

Makarenko ao analisar as relações entre educação, trabalho, produção e dinheiro, tentou superar o estágio inicial da educação através do trabalho, sem finalidades produtivas, simplesmente na busca da auto-sustentação.

Na verdade buscou fixar uma nova perspectiva ao instituir a remuneração dos educandos, pois com isso visou desenvolver entre eles a capacidade de cada um administrar seu próprio dinheiro.

Ao iniciar uma vida independente, o educando segundo Makarenko deveria saber gerir sua própria poupança, calcular seu orçamento e saber como gastar o que ganha. Para Makarenko o educando não deveria entrar na vida autônoma sem saber administrar seus rendimentos.

Quando instituiu o salário para os educandos, proporcionou uma nova perspectiva pedagógica baseada na função produtiva da escola. A remuneração do trabalho dos educandos não foi prevista considerando o pagamento por serviços prestados ou por trabalhos concretos. O que importava para valorar o tipo de pagamento e sua quantidade era a relação social e os méritos do educando no ambiente coletivo.

Assim Makarenko relata em sua obra que “ao solicitar autorização do pagamento dos educandos junto ao Comissariado de Instrução Pública da Ucrânia, estava buscando oficializar seu método “ (MAKARENKO, 1986, p. 38).

Ao afirmar que a implantação de um salário poderia facilitar o desenvolvimento de educandos na realização de suas tarefas, visto que, mesmo quando ainda não eram remunerados cumpriam na integralidade os prazos e a produção anteriormente ajustada, Makarenko estava visando fortalecer o coletivo pedagógico e não aumentar a produtividade.

Desta forma o trabalho que não estivesse objetivando a criação de valores pedagógicos, mas apenas voltado para a remuneração, não poderia constituir-se em um elemento positivo no processo educacional. A relação entre a educação e a produtividade deverá então, estar vinculada a valores que permitam a criação do coletivo no trabalho social.

Makarenko, ao acreditar que o incentivo econômico era um importante fator de motivação para os estudantes e para o trabalho, propôs o pagamento de salários aos internos na proporção do trabalho executado e considerando a qualidade das relações que os educandos estabeleciam no coletivo.

Desta forma Makarenko foi em muito criticado, pois muitos visualizavam nesta sua atuação uma concepção burguesa de ver o trabalho.

Assim, se numa fase mais elevada do processo de reconstrução social o valor de maior importância fosse o interesse geral, como único motivador aos educandos, de outra maneira numa etapa inicial de mudança o incentivo financeiro, apesar da ótica da moral capitalista, poderia ser usado.

Neste ponto Makarenko encontrou em Proudhom um aliado, pois este último sempre considerou a “educação profissional “ como algo inseparável do exercício de uma profissão de caráter real, útil e sério. Para ele, “Proudhom a educação é trabalho verdadeiro e não uma imitação. Assim os custos da educação deveriam ser cobertos pela renda advinda do trabalho prático dos estudantes, quer em seu trabalho na escola, quer em seu treinamento, caracterizando o princípio da auto suficiência como princípio básico da pedagogia do trabalho”. (ROSSI, 1982, p.120).

Makarenko, ao instituir o salário para educandos, proporcionou uma nova perspectiva pedagógica, baseando-se na função produtiva na escola.

f) O trabalho e a auto gestão

Marca pessoal da prática pedagógica de Makarenko, a auto gestão ou auto governo é considerado um dos princípios básicos da pedagogia do trabalho, já que o objetivo da educação para o trabalho é formar o cidadão, esta formação deveria estar baseada nas condições criadas pela própria escola, de forma a buscar uma orientação para toda a vida.

Makarenko assim descreve “Estou convencido de que o objetivo de nossa educação consiste não só em formar um indivíduo criador, mas um indivíduo capaz de participar com maior eficiência na construção do estado “ (MAKARENKO, 1986, p 30). Assim ao considerar o processo produtivo como parte integrante da educação para o trabalho, devemos considerar a busca da formação integral do indivíduo.

Desta forma o processo de auto gestão é o que vai influenciar a própria vida do educando após a saída da escola, sendo que o sucesso desta significa também o sucesso do educando.

Ao buscar a auto gestão das unidades de aprendizagem, Makarenko estava também apontando o caminho para a auto suficiência futura de seus educandos. De nada adiantaria o Estado proteger e aplicar os melhores métodos pedagógicos da época, se os próprios internos não participassem, ainda que no âmbito coletivo do processo de auto gestão, pois isso é o que configura o grau de responsabilidade de cada educando no grupo.

Capriles, assim refere-se acerca da Colônia Gorki: “o estudo e o trabalho se completavam numa rara harmonia. O fundo social criado com base nos lucros dos investimentos realizados na agricultura e na pecuária permitiu aos educandos formados na Colônia continuar seus estudos nos institutos técnicos e científicos. Esse fundo ajudava também nas despesas matrimoniais daqueles que decidiam se casar.” (CAPRILES, 1983, p.103).

Makarenko assim visualizava no trabalho produtivo não apenas uma via de educação de jovens, mas a base da prosperidade material de muitas comunas.

A prosperidade é vista por Makarenko como um equilíbrio entre a direção da comuna e o processo de auto gestão, pois em momento algum busca fazer da auto gestão, algo que coloque em risco o processo educativo. Da mesma forma que não deverá ser utilizada para fortalecer o poder administrativo.

CONCLUSÃO

Se por nossa opção teórico-filosófica não podemos conceber uma verdade acabada, mas sim em processo de constante construção, em relação às conclusões deste trabalho devemos ter, além dessa reserva conceitual, mais uma precaução: nossa incipiência no trato com a pesquisa monográfica compromete, reconhecemos, a validade de nossa fundamentação teórica e, porque não dizer, também as inferências realizadas a partir desta.

Para direcionar a apresentação do conhecimento produzido à partir do trabalho de pesquisa realizado, entendemos válido recuperar as questões norteadoras da pesquisa, procurando respondê-las. Como primeira questão temos:

- 1) De que maneira se define o papel do mundo do trabalho na proposta de Makarenko?

Inicialmente cabe lembrar que Makarenko nasce e se desenvolve enquanto educador num ambiente proletário, agitado pelo movimento dos trabalhadores em luta pela revolução social. Esta inserção de classe de Makarenko, que o marcaria por toda a vida, levando-o a tratar prática pedagógica e prática política como equivalentes, irá levá-lo a buscar na práxis desta classe as respostas para a solução das mazelas sociais que marcavam a sociedade russa antes e depois da revolução.

Há que se considerar ainda que Makarenko entendia a educação como uma das frentes de combate, tendo seus objetivos subordinados às necessidades da sociedade. Assim, cabia à educação formar um cidadão útil à causa socialista, uma

personalidade humana livre da escravidão econômica. Enfim: um cidadão que fosse, sem falta, feliz.

Ora, se o elemento central na práxis da classe trabalhadora é justamente o trabalho, e se é de trabalho livre, criativo e gerador de riquezas a serem socializadas que a sociedade soviética mais precisava, estão postos então os pressupostos que explicam a centralidade que o mundo do trabalho vai adquirir nas formulações makarenkianas.

O mundo do trabalho será então um pólo dinamizador de toda a prática pedagógica, representando sem sombra de dúvida seu ponto de partida e de chegada. Pensemos ainda que sem trabalho organizado como ferramenta pedagógica seria impossível a Makarenko até mesmo dar início ao cumprimento dos objetivos com os quais comprometeu-se. Explicamo-nos: as instalações físicas e as áreas rurais que eram destinadas a Makarenko e a seu grupo de educandos encontravam-se, sempre, em condições lamentáveis de conservação, imprestáveis para uso em um experimento pedagógico que não se iniciasse exatamente pela valorização do trabalho organizado.

A segunda questão norteadora foi formulada nos seguintes termos: Como Makarenko estrutura sua proposta metodológica à partir da categoria mundo do trabalho?

Dando seqüência ao desenvolvimento do raciocínio demonstrativo anterior, podemos iniciar a resposta à segunda questão com uma nova questão: como Makarenko poderia ter certeza de que o trabalho que utilizaria como centro de sua pedagogia iria desenvolver-se em bases diferentes daquele trabalho havido sob comando burguês, de tão recente memória ?

A resposta encontra-se na identificação de uma outra categoria que para Makarenko mereceu tanto destaque quanto o mundo do trabalho: a coletividade, da qual Makarenko dedicou-se a estudar as leis do seu processo de formação, sua estrutura, suas fases de desenvolvimento e o caráter de sua influência sobre os grupos de educandos. Tal dedicação tem fundamento, pois é através da noção de coletividade que o trabalho – na ótica makarenkiana – iria diferenciar-se definitivamente do trabalho alienado, uma vez que partindo do coletivo Makarenko acreditava poder formar uma personalidade humana livre e criativa, sem escravidão de nenhum matiz.

Ao contrário do que apontavam os pedagogos ligados à burocracia, o coletivo não era o cemitério da individualidade, mas o berço de uma nova noção de individualidade que não anula seu semelhante, que não precisa afirmar-se pela destruição dos demais indivíduos: individualidades socialmente responsáveis.

Assim, através da conjunção entre trabalho e coletivo, Makarenko tinha certeza de que seu experimento pedagógico poderia promover a transição do cidadão súdito ao cidadão trabalhador.

A formulação metodológica makarenkiana não se resume, no entanto, a trabalho e coletividade. Outros ingredientes lhes seriam acrescentados à medida que Makarenko atingia sua maturidade intelectual e política. Da coletividade surge o compromisso com a democracia, com o respeito às decisões tomadas em assembléias, geralmente dirigidas pelos próprios educandos, que tinham seu universo simbólico e cultural cada vez mais alargado pelo trabalho de educação política e de formação cultural – também priorizados por Makarenko na organização do cotidiano das Colônias que dirigiu.

Ora, de que forma o poder seria exercido pelos próprios educandos, se na maioria das vezes estes eram deserdados de todo tipo, indivíduos que aprenderam a sobreviver impondo-se pela violência ou pela vigarice (quando não por ambos)? Através da disciplina e da autoridade. Aquela era exercida democraticamente pelo coletivo, que foi sendo educado a disciplinar-se e a ter como uma de suas principais funções exigir disciplina de seus membros. A autoridade traduzia-se em força, clareza de objetivos e engajamento político, representando um incentivo para que os educandos viessem a assumir um comportamento que denotasse responsabilidade e organização. Não se confundia autoridade com autoritarismo, pois o coletivo servia como freio à todo tipo de abuso. A autoridade era visível no tom empregado pelo grupo de educadores: nele havia força, certeza e firmeza e nunca apatia, indiferença, ambigüidade.

No que se refere ao trabalho propriamente dito (às atividades produtivas desenvolvidas pelos educandos), Makarenko o entendia como atividade vital para o homem, desde que concebido e realizado na perspectiva de força criadora e não de repetição alienada, de escravidão surdamente consentida.

Assim, para Makarenko, não se tratava apenas de se desenvolver nos educandos a destreza manual, a habilidade para se construir algum produto concreto, mas antes de tudo de utilizar-se do trabalho para a construção de valores morais socialistas, o que implica no desenvolvimento psíquico e espiritual dos educandos. Esta concepção, quando posta em prática, permite a existência de uma relação entre trabalho e prazer, que por sua vez cria um clima propício à atividade criadora.

Por outro lado, Makarenko não via o trabalho como “um faz de contas”, um exercício dramático onde os educandos experimentariam situações “semelhantes” às que vivem os trabalhadores reais. Não, na experiência em análise o trabalho dos educandos via-se envolto em situações de reais possibilidades e dificuldades.

Consequência desta posição, o trabalho ali exercido é produtivo, gerador de riquezas, que no entender de Makarenko, deveriam ser de alguma forma redistribuídas aos seus criadores, sob a forma de remuneração, para além – é claro, da própria auto-sustentação da colônia. O pagamento aos educandos não considerava, como no regime burguês, a produção ou o tempo de trabalho de cada um, mas a qualidade das relações sociais que estes eram capazes de estabelecer e seus méritos no coletivo. Assim, este se prestava a fortalecer esse coletivo pedagógico, e não a aumentar a produção.

Por outro lado, a remuneração cumpria o importante papel de permitir que os educandos desenvolvessem a capacidade de administrar seu próprio dinheiro e – na esteira que daí deriva – suas próprias vidas.

Aqui estamos no terreno da autogestão, outro princípio básico da pedagogia makarenkiana derivado da aplicação prática da categoria mundo do trabalho. A vivência da autogestão, isto é, autonomia e independência integral na gerência da vida da colônia – pelos educandos – é que iria permitir que aqueles atributos fossem desenvolvidos por estes no decorrer de suas vidas após a saída da colônia, além de garantir que todos assumissem com firmeza sua cota de responsabilidade no grupo. Assim, formava-se não um futuro profissional, mas um cidadão integral, capaz de gerir autônoma e independentemente sua vida.

Finalmente, sentimos a necessidade de referir-mo-nos à contribuição que entendemos que a concepção e metodologia de Makarenko oferece ao desenvolvimento de propostas de atendimento a adolescentes oriundos das camadas excluídas na atualidade.

Cabe destacar, de início, que o movimento iniciado pelo governo soviético na década de 20, substituindo a postura repressiva em relação aos jovens delinquentes por uma postura preventiva e educativa só virá a ser feito no Brasil em meados da década de 70 – através das lutas dos movimentos sociais em defesa dos direitos dos adolescentes infratores – e só será garantido em lei com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990.

No entanto, o atendimento digno e de qualidade aos jovens infratores no Brasil ainda é uma utopia. Basta lembrar dos recentes massacres a que foram submetidos os jovens internados nas unidades paulistas da FEBEM, que ganharam destaque na mídia televisiva.

No tocante à criança e ao adolescente em situação de risco – área na qual inscreveu-se o trabalho de Makarenko (de forma mais saliente que na anteriormente citada) – o quadro é pouco mais positivo. Sobressaem-se aqui e ali experiências governamentais e não-governamentais dignas de nota. No entanto, a operacionalização de programas de maior qualidade nesta área encontra obstáculos, a nosso ver, no acelerado processo de transferência da responsabilidade estatal nesta questão para a alçada do chamado “terceiro setor”. Se a tarefa de educar os segmentos excluídos afigura-se um desafio para quadros técnicos do mais alto gabarito (como o próprio Makarenko e sua equipe), o que falar desta tarefa colocada sob a responsabilidade de “leigos bem intencionados”?

A noção de coletividade – tão importante no conjunto da obra makarenkiana – é uma pérola que precisa ser urgentemente resgatada nas propostas de atendimento à criança e ao adolescente em situação de risco na atualidade, quando a mídia (em todas as suas formas) exalta o indivíduo como instância máxima a ser preservada, principalmente quando alçado à condição de “consumidor”. É exatamente em conjuntura tão adversa (em que prevalece a lei do “cada um por si”, ou do “eu estando bem o resto que se dane”) que urge resgatar a importância do coletivo sobre o individual, até para que nossos jovens possam perceber que os graves problemas sociais que afligem nosso país não são problemas pessoais, mas sociais, cujas causas devem ser procuradas exatamente na lógica que regula as relações entre as pessoas neste regime de sociedade.

Da mesma forma, temos que reconhecer que as condições postas para o desenvolvimento da autogestão são muito desfavoráveis, pois como parte da lógica que defende a transferência da responsabilidade pelo atendimento à criança e ao adolescente ao chamado “terceiro setor”, ressurge a valorização da “caridade”, dos slogans “adote uma criança/estudante carentes”. Neste contexto de resgate da filantropia (parente próxima do assistencialismo, do apadrinhamento e de outras formas de tutela), mostra-se bastante difícil trabalhar com os adolescentes a importância de que estes aprendam a gerir suas próprias vidas, com os recursos que estes mesmos sejam capazes de amealhar, com seu próprio trabalho.

Por fim, há que se ressaltar que também na atualidade persistem os embates que Makarenko mantinha com muitos “pedagogos burocratas”, que assustavam-se diante de seus métodos revolucionários, que são vistos dessa maneira apenas por ousar ir na contracorrente do pensamento dominante. Assim, sabe-se que hoje a

implantação de proposta baseada em Makarenko também encontra resistência em setores da burocracia estatal que aderiram ao discurso “pós-moderno” e que acreditam que o melhor que podemos destinar aos nossos jovens é a caridade privada.

A construção deste trabalho nos permitiu comprovar que uma proposta metodológica simples e sincera – ancorada num projeto político claro e destemido - pode sim trazer resultados impressionantes na educação de jovens oriundos das camadas excluídas da população, trazendo-nos também a certeza de que em Makarenko repousam as bases da educação de um “homem de novo tipo”, importantíssimo à nova sociedade que ainda haveremos de construir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPRILES, René. **Makarenko: o nascimento da pedagogia socialista**. São Paulo: Scipione, 1989.

COSTA, Antônio Carlos Comes. **Por uma pedagogia da presença**. Brasília: Ministério da Ação Social, 1991.

GORKI, Máximo et alii. **Recordações acerca de Makarenko**. Moscou: Progresso, 1976.

MAKARENKO, Anton Semionovitch. **Bandeira nas torres**. Moscou: Progresso, 1976.

MAKARENKO, Anton Semionovitch. **Conferências sobre educação infantil**. São Paulo: Moraes, 1981.

MAKARENKO, Anton Semionovitch. **O livro dos pais**. 2 ed. Lisboa: Horizonte Pedagógico, 1981.

MAKARENKO, Anton Semionovitch. **Problemas da educação escolar**. Moscou: Progresso, 1986.

MAKARENKO, Anton Semionovitch. **Poema pedagógico**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROSSI, Wagner Gonçalves. **Pedagogia do Trabalho**. São Paulo: Moraes, 1981.